1.º Anno

Numero 6

A PEROLA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás damas Vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: A. S. Carvalho
E. Guimarães

Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães
26 de FEVEREIRO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso . . . . 20 reis

Editor, Gabriel Pereira de Mesquita

OVELHA DESGARRADA

N'aquella manhã, uma neblina deixava só ver nos montes algumas rochas de granito, esses exemplares de terreno do periodo azoitico tão caprichosos na paisagem.

O astro do dia, porém, logo que surgiu no oriente, dissipou aquelle meteoro.

A esta hora, Lucia batia a roupa no tanque do seu quintal. De vez em quando, cantava quadras sentimentaes, similhantes a umas que já li no «Amôr e Melancolia», de Castilho, o poeta cego, como Milton.

Uma toutinegra occulta, no parreiral viçoso que se estendia ao longo do quintal, misturava, por vezes, seus melicos gorgeios com a maviosa voz de Lucia, que trabalhava com afan.

Esta jovem, cujas qualidades psycologicas mereciam apreço, era o enlevo de sua mãe, que era viuva.

Muito formosa, e d'um corpo de nympha, Lucia era um precioso modelo para Niepce.

Pelo seu terno e meigo olhar, que tanto lhe realçava a physionomia, dava um bello quadro a Rubens.

Quando depois de lavar a roupa, se dirigia para casa, recebeu uma carta do seu Heitor, a quem amava loucamente.

Esta carta, muito succinta, mas em termos peremptorios, marcava a hora em que, á noite, deviam realisar a fuga.

Lucia, depois de a lêr, ficou perplexa; mas, como sua mãe a inhibia de amar a Heitor, encheu-se de coragem.

E' que o amôr é uma chamma que difficilmente se extingue; muitas vezes quanto mais se lhe assopra, tanto mais se desenvolve.

Lucia amava platonicamente a Heitor; sonhava quasi sempre com elle e, quando despertava, ainda desejava sonhar mais.

E é assim. As doces consolações do amôr são sempre ephemeras. Se o amôr não tivesse espinhos, a quadra amorosa parecer-nos-ia durar como a flôr de Malherbe.

Vejamos agora o que se passou:

A' hora marcada, realisou-se pois, a fuga. Os dois amantes caminharam com a alma cheia de hilaridade.

Depois de andarem mais de meia legua, sentaram-se n'um tapete relvoso d'um pequeno outeiro, onde deviam esperar pela madrugada, para escolherem o itinerario a seguir.

Lucia, que nada havia dormido, ficou, como um innocentinho, nos braços de Heitor.

O céu entrou de nublar-se. Ao longe, por sobre uma montanha, soberba como o Parnaso, acastellava-se uma trovoada. N'aquelle ponto, o aspecto atmospherico era escurissimo.

Volvidos, pois, alguns momentos, um forte relampago illuminou, como uma erupção do vesuvio, o cume da montanha, e um medonho trovão ribombou no espaço.

Lucia acordou com o estampido e entrou a chorar. Heitor começou a animal-a, porém baldado: não éra sómente o mêdo á trovoada a causa das suas lagrimas: é que se lembrava de sua mãe, que, áquella hora, já teria ido chamal-a ao quarto, para resarem a *Magnificat*.

A trovoada continuava, mas brandamente, acompanhada d'alguma chuva.

Como Lucia não cessasse de verter lagrimas, Heitor supplicou-lhe ardentemente que lhe contasse o motivo por que chorava.

Ella então cedeu, dizendo:

—Já que tanto me pedes, querido Heitor, não posso esconder-te a causa... mas perdôa-me, sim?... E' que eu quero que me acompanhes a casa, onde juntos, pediremos perdão a minha infeliz mãe, que, n'este momento, estará louca de afflicção por não saber de mim!... Ah! Heitor, Heitor, faz-me a vontade, que ella per-

dôa-nos e consentirá que, d'ora ávante nos amêmos!...

—Pois bem Lucia, eu satisfaço os teus rogos. Caminhêmos.

E lá foi a ovelhinha recolher-se ao redil.

*

Alguns dias depois de pedirem perdão á pobre mãe, que encontraram n'um desespero commovente, os dois amantes começaram a ter, ás noites, a sua entrevista.

E, como tudo estava harmonisado, não tardaram muito a constituir familia.

J. P. de Lima

AS FLORES DO MEU JARDIM

Oh! que profusão de flores tem o meu delicioso e saudavel jardim!

Umas são elegantemente recortadas, outras guarnecidas de franjas, e agaloadas com mil côres! Outras são simples nos seus ornatos, têm a candidez de uma virgem, e são puras como a virtude. Muitas outras adornadas como a purpura dos anjos, são o encanto do meu jardim.

Todas essas flôres disputam perante mim, o premio da sua belleza, o goso das suas côres, dos seus perfumes, dos seus encantos! . Todas merecem o meu elogio e fico indeciso...

Todas estas vivas côres, os deliciosos perfumes, penetram nos meus sentidos, e introduzem na minha alma uma suavidade que excede os meus pensamentos.

Vejo abrir-se a magestosa tolipa que me faz esquecer por algum tempo todas as minhas perdas!... A sua agradavel fantazia, a pinta, á sua vontade, mais de mil differentes côres!

Os goivos como amigos fieis me acompanham constantemente no meio das mudanças da estação, e as borboletas, não obstante a sua constancia, não podem abandonar as flôres do meu encantado jardim, e andam a prodigalizar-lhes, sempre, novos beijos! O jasmim eleva a sua cabeça, curva se, torna a dobrar-se, estende os seus flexiveis ramos e forma uma deliciosa abobada aonde eu posso durante o calor do dia, descançar debaixo da sua sombra. E quem não deseja que estes ternos habitantes do meu jardim não tenham uma duravel existencia?

Pois o seu destino é, apenas, florescer e brilhar ante o espaço de uma manhã!

E vós gentis senhoras, que brilhaes em todo o explendor da belleza, podeis ver eclipsados e diminuidos os vossos encantos por estas simples flôres, assim como a vossa fragil belleza passa tão rapidamente como ellas!..

Vêde a rosa, que agradavel é a sua figura! que bello encarnado! que suave fragancia! Quantas vezes o formoso ranúnculo tão bello e tão vermelho como a rosa, cruel de tantas amantes, ternamente se sorriu para esta formosa flôr!

Sobre este throno de amor invejado, de todos os olhos e de todos os corações, a rosa viu murchar a sua belleza e achou no seu tumulo o mesmo seio do deleite e do prazer.

Oh meu encantador jardim !...és a habitação mais saudavel em que a minha alma gosa o maior prazer !...

Flôres !... vós as pareceis senhoras !...porque alegrais os meus olhos e embalsamais os meus sentidos.

A. S. Carvalho

ENGEITADO!...

Vi-a pela primeira vez na cathedral, ouvindo a missa que um velho sacerdote dizia no altar mór.

Ella era bella como um anjo, mimosa como uma florinha desabrochando em maio, e nas faces brancas de jaspe, via-se-lhe o colorido dos lyrios do valle.

Nos seus olhos d'um brilho scintillante, pareceu me ver uma alma cheia de bondade, e nos seus labios de coral, um coração amavel e irresistivel.

Fitei-a duas vezes estando absorta na leitura do seu livro de missa, e quando ia a olhal-a pela terceira vez, voltei immediatamente o rosto, escondendo-o entre as mãos, envergonhado, porque ella me havia surprehendido a contemplal-a.

Não sei que temor se apoderou de mim, que não me foi possivel tornar a fital-a.

O bom do sacerdote tinha terminado a missa, e o povo acotovelava-se á porta, á porfia de quem seria o primeiro a sair.

Ella ficou ainda a resar por algum tempo, e de vez em quando desviava o olhar do livro, e dirigia o para o logar onde eu estava, esboçando ao mesmo tempo um meigo sorriso, como o d'uma boa mãe quando acaricia o tenro filhinho.

Eu estava extasiado, e contemplava-a furtivamente com receio de que ella me tornasse a surprehender.

N'isto, a minha densa levantou-se, dirigiu-se para a porta, e ao passar junto de mim, proferiu uma palavra angelica que eu não soube comprehender, e pareceu-me sentir o tacto da sua nivea mão que havia poisado sobre o meu hombro.

Chegado ao auge do delirio, não pude mais! Levantei-me e segui-a.

Eu queria fallar-lhe, mas a vergonha do meu triste nascimento apoderou-se de mim, e apenas titubiava palavras inintelligiveis.

N'um derradeiro exforço, quando já transpunha-mos o grande portão de ferro, vendo que ella caminhava sem olhar para nenhum dos lados, fingindo não ver-me, consegui dizer-lhe: "Senhora!...

Ella voltou o branco rosto para mim, e como que comprehendendo a minha mudez, disse:

—Seria, accaso, a mim que o snr. se dirigiu?

Parei, notando que o meu coração embru-

tecido pela solidão dos bosques, havia sentido alguma coisa de extraordinario.

Tornou a passar-me rapidamente pela imaginação o meu nascimento e a minha vida passada, cheia de desgostos e privações, e não tive coragem para lhe retorquir.

Não responde? tornou ella.

Então n'um exforço que nem eu mesmo posso explicar, disse-lhe:

—Senhora! A vossa formosura fascinou-me a ponto de não saber dizer palavra. V. Ex.ª è realmente bella como um anjo que houvesse descido do Paraizo

Se no seu coração houvesse ainda logar para o amôr sincero e puro que me atrevo a offerecer-lhe...

Ella não me deixou acabar. Inclinou um pouco o rosto angelico e n'um breve sorriso que eu entendi ser de bom presagio, perguntou-me:

—Não serei indiscreta perguntando-lhe quem é?

N'esta altura um subito calefrio percorreu-me todo o corpo, e por pouco não cahi inanimado.

Que responder?! ..

Não podia encontrar palavras que satisfizessem tal pergunta.

Como lhe havia de dizer quem eram meus paes, se nunca os conheci?

Ah! .. a infelicidade! ..

Ella vendo a minha indecisão:

—Então não me diz quem é?

Era o ultimo golpe! Em vão fiz todos os exforços para me retirar d'alli.

Como não havia meio, cobri o rosto com as mãos para esconder duas lagrimas que se me escapavam dos olhos, e balbuciei a mêdo — "Sou engeitado!.. "

Passados momentos descobri o rosto, olhei em torno de mim e encontrei-me só!

A minha deusa havia fugido porque eu .. era engeitado!

TELMO

Os gemidos das nossas lyras

V

E's int"ligente, eu sou rude,
Sou feio, tu és formosa,
Amo-te e tu não me amas,
Sou pobre, tu poderósa...

Delfim Guimarães

VI

Quando na rua te vejo,
O' pomba casta e serena...
Seria todo o meu desejo,
Beijar-te as faces, morena...

TÓNI GRICE

VII

Quando te vejo, formosa,
Debruçada na janella,
Ouço minh'alma inditosa
Murmurar:—Como ella é bella!

JASMIM

VIII

Tens perfumes d'innocencia,
E's suave de candura!...
Como é pura e santa a essencia
De tua alma toda pura.

A. S. Carvalho

IX

Oh! como és linda e bella!
Tens nos labios o carmim,
Os teus olhos são estrellas,
Adoravel cherubim!

E. Guimarães

X

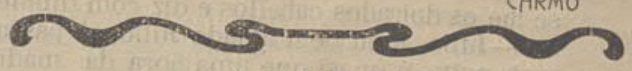
N'esse amortecido olhar
Ha poemas de ternura
Com que sabes encantar,
Anjo d'amôr e candura...

Laurentino S. Eugenio

XI

Ah! de joelhos, fidalgo!
A meus pés, contricto; assim:
Não me seduz teu ouro, não!
E foge não penses em mim...

CARMO



LOUCA!

Minha mãe! que rir é o teu?!
Desvenda-me esse mysterio.
Desde que meu pae morreu
Ris tanto!—riso funéreo!

Mãe! as tuas gargalhadas
São cavas, seccas, geladas!

Outr'ora eras tão contente,
Agora és mãesinha, triste!
Se pergunto:—'stás doente?
Olhas-me muito e ris-te!

Mãe! as tuas gargalhadas
São cavas, seccas, geladas!

Se te peço que esqueças
As tuas dôres magoadas,
Oh mãe! logo recomeças
Com tuas frias risadas!

Mãe! as tuas gargalhadas
São cavas, seccas, geladas!

Se no paesinho te fallo,
'Scutas-me muito attenta;
Mas depois, quando me calo,
Logo o teu rir me atormenta!

Mãe! as tuas gargalhadas
São cavas, seccas, geladas!

. . . . . .

Santo Deus! s'as tuas dôres
Rescendem do mundo além,
Desvendarei mil terrôres
P'ra te ver alegre, mãe.

E se o peito te opprime
Esse rir que me tortura,
Eu farei o maior crime...
Para trazer a doçura

A essas tuas risadas
Cavas, seccas e geladas!

Delfim Guimarães

dos "GOIDOS MURCHOS,,

A louca de Brito

E o mesmo silencio reina ali.

Ouve-se simplesmente o ritinir d'aquelles beijos perfidos, uma voz como que sahida do seio da terra soltar uma baixa imprecação e pouco depois Julio continuar:

—Vá, que resolves, Leonôr?... Enche-me a alma de alegria ou esmaga-m'a com o teu despreso...

Uma curuja corta o espaço gargalhando cávamente, sinistramente, Leonôr treme, agitam-se-lhe os doirados cabellos e diz com timidez:

—Julio, meu bem amado Julio, já passa de meia-noite, é quasi que uma hora da madrugada, e já é tempo de nos retirar-nos...

Perdôa o eu, por emquanto, não poder satisfazer esses teus rogos adoraveis...

Oh! juro-te, amo-te muito, muito, mas tambem amo aquella que acolá dorme, talvez, quem sabe? sonhando commigo, chamando-me para junto de si...

Espera Julio, espera que eu ainda sou muito nova, tenho apenas, desesseis annos...

Julio treme de raiva, um calafrio sacode-lhe impluosamente o corpo, morde os dentes suffocado, franze o sobr'olho e brada surdamente:

—Pois bem, Leonôr, adeus e adeus para sempre...

Oh! o meu despreso será eterno!... Adeus, senhora, mais tarde se arrependerá...

Envolve-se na negra capa, carrega com desespero o chapeu para os olhos, e some-se por entre o phantastico arvoredo, espumando de raiva.

Ao mesmo tempo um negro vulto apparece, segue-o cosido ao muro do tosco caminho sem que Julio o enxergue.

Leonôr fecha timidamente a porta, vae pé ante pé para o seu miseravel leito, e vêrte um rio de lagrimas ao lembrar-se das ultimas palavras do seu querido Julio.

Agora dorme sonhando e fallando em voz alta.

—Julio, meu bem amado Julio, eu sou tua, só a ti pertenço ..

Um cão ladra lá ao longe furiosamente; centenares resdondem ao grito d'alarme, e os gallos accordam estremunhados, atirando ao espaço os seus cantos; uns fanhosos, outros canóros e tristes.

III

Oh! me vingarei, eu me vingarei... —brada Julio, o miseravel D. Joan, galgando precipitado o ingreme caminho.

De repente pára.

Parece vêr destacar um vulto na sua frente.

—Ao largo, amigo!—ordena elle com voz imperiosa e ao mesmo tempo, rouca e tremula.

Mas o vulto não se mexe.

Dá dois passos vacillantes para elle, mas recua immediatamente.

E' que a phantastica sombra avança ao mesmo tempo, empunhando uma comprida navalha, chispando raiva, chammas de odio infernal.

Julio recua agora, até ao muro, boquiaberto, aterrorisado, com os braços caidos.

O desconhecido rompe corajosamente p'ra elle, solta uma gargalhada escarninha e provocadôra, e diz no auje da cólera:

— Hem! snr. morgado?... Então manda-me retirar ao largo?... Vamos, cumpra como lhe compete; eu não me retiro... Ah! vacillas, miseravel, vacillas tôrpe cão, vacillas curuja negra, curuja da deshonra, da perversidade e da canalhice?! ..

Julio abre desconformadamente os olhos, cerra covardemente os punhos e murmura:

—Oh! sempre, sempre a perseguires-me Rodolpho, sempre a atroppelares-me no caminho que calco! Oh! vae-te, vae-te...

Rodolpho solta uma segunda gargalhada e repõe com despreso e eronia:

—Nunca covarde, nunca miseravel!... Queres que me vá? .. Ah! ah! ah!... nunca .. Hei-de perseguir-te como a victima persegue o algoz, villão! Eu sou o phantasma, sou o filho da noite, o espectro da escuridão que surje pelo calado d'um mystico segredo para cortar os teus infames passos e as tuas tragedias vilipendias.

(CONTINUA) Delfim G. da S. G

REVISTA DE MANICA E SOFALA

O n.º d'esta magnifica revista relativo ao mez de fevereiro tem para a nossa humilde publicação palavras de elogio que não merecemos e que muito nos penhoram.

Transcreveu uma parte do artigo editorial do nosso 1.º n.º.

Ao illustre collega agradecemos penhorados as amaveis referencias e o saudamos vivamente.